

## **Preço máximo de R\$ 116 do leilão não deve mudar, sinaliza Tolmasquim**

### **Presidente da EPE diz que teto estipulado pelo governo para energia das novas hidrelétricas é alto para o mercado brasileiro**

**Oldon Machado, da Agência CanalEnergia, de Brasília, Mercado Livre**

22/11/2005

Alvo principal de inúmeras críticas por parte de investidores privados, especialistas, entidades de classe e até mesmo de representantes ligados a agentes estatais, o preço-teto de referência para a energia das novas usinas hidrelétricas no leilão de geração de 16 de dezembro, de R\$ 116 por MWh, não deve passar por alterações - embora a possibilidade não esteja 100% descartada. A indicação foi dada nesta terça-feira, 22 de novembro, pelo presidente da Empresa de Pesquisa Energética, Maurício Tolmasquim, após participar como debatedor do "Fórum **CBIEE** - Cenários de Expansão de Oferta e Leilões de Energia", que foi realizado em Brasília.

Alertando que o valor fixado como o preço marginal da expansão será suficiente para garantir a oferta necessária a partir de 2008, 2009 e 2010, Tolmasquim ressaltou que os R\$ 116 equivalem atualmente a cerca de US\$ 53, custo que, segundo ele, é alto para os padrões brasileiros. "No Brasil sempre se falou que (o custo marginal) era de US\$ 30 para hídrica e de US\$ 40 para térmica. Nesse patamar, US\$ 53, no Brasil, é um valor muito alto. Há uma pressão danada para aumentar o preço, e agora vem as ameaças de que vai faltar energia, que os investidores não vão entrar... É um jogo de nervos", classificou o executivo, apostando no sucesso do negócio.

Apesar disso, Tolmasquim não garantiu que o preço estabelecido no edital publicado pela Agência Nacional de Energia Elétrica será mantido até a data de realização do negócio. Segundo ele, a decisão de se alterar ou não o teto estipulado para as novas hidrelétricas na primeira fase depende do Ministério de Minas e Energia, e que dada a proximidade da data de realização do negócio - faltam 24 dias - qualquer alteração substancial no edital do leilão torna-se mais difícil. A pressão de investidores privados, associações e até mesmo da Eletrobrás - cujo assistente da presidência, Ricardo Teixeira, criticou o preço no evento - tende a ser grande pela mudanças.

Um dos fatores que, segundo Tolmasquim, contribuíram para o preço foi a falta de consistência que os estudos de viabilidade técnico-econômicos tiveram para indicar o valor correto do investimento, algo que, para ele, só será precificado com o leilão. Mostrando tranquilidade mesmo diante de críticas e questionamentos de que o teto pode bloquear a entrada de investidores, o presidente da EPE comentou que o interesse, caso seja reduzido para as novas hidrelétricas, não diminuirá para as outras fontes que participarão do leilão, entre térmicas a carvão e a biomassa. "O investidor pode ganhar tanto uma hidrelétrica como uma termelétrica", acredita.

Para o presidente da **Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica, Claudio Sales**, a ampliação do teto seria um avanço importante, na medida em que abriria espaço para investidores que hoje não vêem retorno adequado com os de R\$ 116 por MWh, como também ampliaria a competição na terceira e última fase do leilão, onde as concessões serão de fato disputadas. Segundo ele, o preço estipulado não será suficiente para remunerar a maior parte das usinas hidrelétricas. "Na prática, (o preço máximo colocado no edital) pode ser uma barreira para novos investimentos privados em geração. Lamento se isso ocorrer", avalia o presidente da **CBIEE**